

Há algo que escapou – e isso é preocupante

written by Amadeu Ricardo | 27 de Janeiro, 2026

OCIDADÃO
Journalism Libre

OPINIÃO
Amadeu Ricardo



Há fenómenos políticos que não podem ser explicados apenas com as estatísticas nem com as análises de muitos comentadores. Há fenómenos que exigem um olhar mais íntimo, quase introspectivo. Um desses é este: a vitória de um partido ou de um líder populista no círculo da emigração. Uma vitória celebrada por quem, ironicamente, vive daquilo que esse mesmo discurso condena – a circulação, a fronteira aberta, a fuga possível, o direito de partir.

E eu, social democrata, criado na ideia de que se constrói comunidade, contracto social e o progresso colectivo, olho para isto e não consigo digerir. Não por arrogância moral, mas porque algo passou ao lado. Algo que não foi visto. Algo que ainda não estão a ver.

Como é possível que emigrantes votem com entusiasmo em quem diz que não nos quer? Ou, pelo menos, não nos quer noutros sítios? Como é possível aplaudir a defesa de muros enquanto se vive graças à existência de portas abertas? Portugal é – historicamente – um país que sobrevive porque pôde emigrar. Porque um dia alguém teve de largar tudo e partir para ganhar o pão, para fugir à miséria, para escapar a um destino estreito ou simplesmente para procurar o tal “melhor”. Somos um país da diáspora antes mesmo de sermos um país de democracia.

E, no entanto, o voto não respeita biografias nem coerências. O voto respeita ressentimentos, identidades feridas, promessas simples e soluções mágicas. Respeita o cansaço, a frustração, o sentimento de abandono e a narrativa que se cola melhor ao medo. O populismo entende isto com uma precisão cirúrgica. Enquanto isso, nós – que acreditamos nas instituições, nos equilíbrios, e no gradualismo – demoramos demasiado a compreender que um eleitor não escolhe apenas com a cabeça: escolhe com o estômago, com a raiva, com a memória(se for detentor dela),e com a mágoa.

Talvez os emigrantes votem assim porque se sentem esquecidos pelo país de onde vieram e pouco reconhecidos no país onde vivem. Talvez não se identifiquem com a esquerda porque a esquerda falhou em lhes falar. Talvez não se identifiquem com a social-democracia porque esta social-democracia deixou de ter narrativa – passou a ter apenas gestão. E quem está frustrado não quer gestão: quer causa, quer pertença, quer bandeira.

E então o populista chega, olha nos olhos, diz “*eu vejo-vos*”, culpa alguém e oferece um culpado para o sofrimento e sacrifício. A fórmula, essa não é nova – o que é novo(talvez até espectável) é a nossa incapacidade de a antecipar. A vitória nesses círculos não acontece apesar de serem emigrantes – acontece precisamente porque o são. Porque vivem na fronteira física e simbólica entre dois mundos. E quando se

vive na fronteira, a política identitária tem um terreno fértil.

E eu pergunto: onde errámos? E, mais difícil ainda: onde continuamos a errar para não ver o erro?

Eu não consigo aceitar isto como normal, porque não é normal um país de emigrantes votar alegremente contra a ideia de emigrar – tal como não é normal o doente aplaudir o corte do orçamento da saúde, ou o faminto aplaudir o cancelamento das ajudas e do apoio social. Há aqui uma dissonância moral profunda. E quando as dissonâncias se normalizam, a democracia fica vulnerável, deixando de ser pilar para ser alvo.

Algo está completamente errado. Não sei ainda se o erro está no discurso político, na incapacidade de comunicar, na deserção cultural, ou simplesmente na nossa presunção de que tínhamos o eleitor “conquistado para sempre”.

Mas o que sei é isto: se não percebermos o que falhou, o populismo não será apenas um episódio – será um novo normal. E, nesse normal, nós seremos estrangeiros na nossa própria casa política. Tal como os emigrantes são estrangeiros duas vezes: no país onde vivem e no país onde votam.

A minha perplexidade não me consola. Obriga-me a pensar. Obriga-me a aceitar que não chega estar certo – é preciso ser ouvido. E não basta oferecer políticas – é preciso oferecer sentido.

E talvez seja precisamente isso que está a faltar. E que ainda não estamos a ver.

No fim, ainda acredito que o antídoto para a mediocridade política não é o insulto, nem a desistência, nem o cinismo resignado – é a inteligência cívica. É o discernimento que observa, compara, questiona e escolhe com tempo e com memória. É a exigência dos cidadãos que recusam o espetáculo e pedem substância. É a coragem de não confundir barulho com a verdade, nem a raiva com programa, nem a promessa fácil com a governação possível.

Se houver de morrer alguma coisa, que seja essa mediocridade ruidosa que tem corroído a política por dentro e reduzido a democracia a um mercado de emoções baratas. Que prevaleçam a lucidez, a decência e a ambição de país – porque é delas que nasce o futuro, e não da espuma das horas.